

## GUATTARI, O PARADIGMA ESTÉTICO<sup>1</sup>

*Fernando Urribarri (F.U.):* O que é o novo paradigma estético?

*Félix Guattari (F.G.):* A idéia é que, na sociedade atual, todos os focos de singularização da existência são recobertos por uma valorização capitalística. O reino da equivalência geral, a semiótica reducionista, o mercado capitalístico tendem a achatam o sistema de valorização. Além disso, há uma assunção, uma aceitação deste achatamento. Digamos que é a passividade que caracteriza a atitude pós-modernista.

O paradigma estético de que falo se apresenta como uma alternativa em relação ao paradigma científico subjacente ao universo capitalístico. É o paradigma da criatividade. É evidente que o que estou querendo dizer com isso não é que se deva estetizar o mundo: primeiro, porque esta idéia de paradigma implica colocar entre parênteses a noção de obra de arte e, certamente, as instituições artísticas, os mercados artísticos; segundo, porque esta atitude de passividade pós-modernista intervém

também no gênero estético e, portanto, o paradigma estético não coincide com o mundo dos artistas.

Então, no âmbito da psicanálise, da psicoterapia institucional, das terapias familiares, apresenta-se como importante e politicamente significativa a proposta de um paradigma de criação estética, face ao paradigma científico, sistêmico, estruturalista, que encontramos freqüentemente nestas práticas.

*F.U.:* Quais são as principais idéias ou enunciados deste paradigma?

*F.G.:* A idéia principal consiste no fato de que a essência da criatividade estética reside na instauração de focos parciais de subjetivação, de uma subjetivação que se impõe fora das relações intersubjetivas, fora da subjetividade individual. Trata-se de uma criatividade existencial, ontológica.

Então, o paradigma estético nos dá a possibilidade de nos unirmos a outras produções de subjetividade parcial, no âmbito da psicanálise, da sociedade etc.

F.U.: Por que você utiliza a palavra 'paradigma'?

F.G.: Geralmente não falo em paradigma e, sim, em 'universo de referência', mas, se falo de universo de referência com pessoas que leram Khun... temo que não me entendam bem. Na verdade, não se trata de paradigma como o de Khun, mas de um universo, isto é, de uma textura ontológica que posiciona os existentes.

F.U.: Quais são os protagonistas e as fontes deste paradigma?

F.G.: Bem, vamos deixar de lado este termo paradigma. O 'objeto-sujeito' que está em jogo, aí, ou melhor ainda, aquilo que chamei de 'objeto ecosófico', não se dá só em coordenadas bidimensionais, tempo-espaco, sistemas maqúfnicos. Trata-se, antes, de um agenciamento de enunciação, que traz à luz esta produção que é estética mas, também, ética. Digamos, mais exatamente, que é criacionista em sua essência. Podemos dizer que se trata da possibilidade de refundar – não de reconstruir – utopias, mas sem nenhuma nostalgia, nem delírios paranóicos sobre o apocalipse tecnológico e, sim, com micropolíticas de intensificação das subjetividades, que são a única via capaz de combater o fascismo, em todas as suas dimensões.

Situo-me, então, em um plano que não tem somente dimensões discursi-

vas, e no qual se põe em funcionamento o autopoietico, em um duplo foco: o foco que se instaura em nível desterritorializado do universo de valores e um foco de existência, que denomino território existencial ou foco de singularidade.

Em relação a este novo paradigma, o que me parece importante é colocar a problemática da enunciação ontológica de algo que eu chamaria de 'caosmose', isto é, a relação de imanência entre a complexidade e o caos. O universo de valor se instaura como universo de complexificação, de desdobramento de sistemas de referência, de linhas de fuga, de linhas de posicionalidade específica, de repetição da complexidade. Porém, ele possui, ao mesmo tempo, uma autopertença, é autopoietico: trata-se de uma auto-afirmação ontológica em uma relação de captação da totalidade e de diferenciação, ao mesmo tempo.

O novo paradigma subverte a pseudo-unidade do mundo de valores capitalísticos, uma vez que abre a possibilidade de recuperar a pluralidade, a multiplicidade do mundo. Só isto é que permite recuperar a dimensão ética. Só a partir do reconhecimento da alteridade é que a ética é possível. E isto requer um reconhecimento da complexidade do universo, tanto em nível dos regimes políticos, como dos territórios existenciais e da vida afetiva.

Assim sendo, para sustentar esta imanência do caos e da complexidade, é necessário sair das categorias de

oposição distintiva entre um objeto e outro objeto, de discursividade e lógicas conjuntistas, e, então, 're-situar' um objeto-sujeito na relação de alteridade, que pressupõe este duplo foco enunciativo, este foco cósmico de enunciação.

**F.U.:** Que lugar ocupam estes paradigmas no conjunto de suas preocupações?

**F.G.:** Sempre procurei conceber relações de transversalidade entre práticas aparentemente antagônicas: relações de transversalidade entre a psicanálise, a psicoterapia institucional, a ação no campo social, em uma problemática estética. Mas hoje, face à queda das grandes ideologias – a crise do marxismo, do freudo-lacanismo, o triunfo do neoliberalismo e do pós-modernismo – mais do que nunca se coloca o problema de uma refundação das práticas: das práticas sociais, estéticas, psicanalíticas, políticas, aquilo que chamo de práticas ecosófica. A questão não é de se esconder em um ecletismo indiferenciado, mas a de afirmar tanto a singularidade destas práticas, quanto o seu caráter de transversalidade.

**F.U.:** Quais são, especificamente, as relações do paradigma estético e as questões da ética e da política?

**F.G.:** Quando se coloca a ênfase nas dimensões de sistema, nas dimensões de estrutura, nas referências científicas, para abordar um objeto, seja ele qual

for, coloca-se entre parênteses a dimensão de criatividade específica, de posicionalidade ontológica singular.

Então, o fato de insistir no caráter criacionista, autopoietico, autofundador, evidentemente recoloca o conceito de compromisso ético, de responsabilidade.

**F.U.:** Quais são as implicações desta perspectiva, qual é a pragmática no campo institucional ou terapêutico geral?

**F.G.:** Creio que, no campo das terapias, precisamos deste conceito de objeto ecosófico, para sair da idéia de que a ação da psicoterapia individual, da psicoterapia de grupo, da psicofarmacologia, das atividades sociais etc., são âmbitos separados. De minha perspectiva, há um agenciamento em rede dos componentes da terapia institucional, que faz com que, por exemplo, uma mutação subjetiva muito importante para um psicótico possa acontecer fora do campo que engloba as relações de palavra com um psiquiatra, com um saber etc. Abre-se, assim, uma gama de componentes, que não são hierarquizados. A categoria 'produção de subjetividade' substitui, para mim, a oposição entre o sujeito e o objeto. No estabelecimento de dispositivos que, eventualmente, produzem focos de subjetivação – há uma apreensão pática deste surgimento e, secundariamente, temos todo o sistema de modelização que vai

posicioná-la – não existe a oposição entre o mapa e o território.

F.U.: Você escreveu com Gilles Deleuze *O que é a filosofia?*. No marco do novo paradigma estético, gostaria de perguntar: o que é – para você – a psicanálise?

F.G.: (Rindo) Ah, muito bem. Que é a análise? Com certeza não é algo como o discurso da análise que estaria em relações estruturais com o discurso da histeria, com o discurso do Senhor, com o discurso universitário. É um discurso mutacional que pode deter-se ou morrer ou, ainda, deslocar-se por outras vias. Não é um discurso fundado sobre matemas do inconsciente, nem sobre universais da subjetividade. Então, o que caracteriza, afinal, o discurso da análise? É uma produção de subjetividade, uma produção de sentido, a partir de elementos de ruptura de sentido. Só que, hoje, surgiram outras mutações de agenciamento de enunciação. Por conseguinte, o problema que se coloca é o de reinventar dispositivos de produção de subjetividade que respondam a essa questão, não somente a partir de uma relação de cura individual mas, também, em todos os âmbitos da vida humana.

F.U.: Então, quais são as possibilidades de situar a psicanálise no interior deste novo paradigma estético?

F.G.: Temos que assinalar que as referências paradigmáticas da psicanálise, ainda que sejam fixas, evoluíram consideravelmente. O paradigma do discurso freudiano, a narrativa freudiana, não era só científica, ela era, também, romântica.

Com o que poderíamos chamar de ‘a reforma’, ‘o luteranismo lacaniano’, eliminou-se toda a dimensão de narrativa literária e científica para fundar uma topologia, uma espécie de matemática estranha. Em todo caso, é uma coisa muito mais purificada, que suja menos, mas muito fascinante, sobretudo na época da Aids, na qual os contatos são sempre perigosos!

O que proponho é uma modelização muito mais abstrata porque, quando falo de fluxo, de fenômenos maquínicos, de universo existencial, de universo incorporal, de território existencial, já não cabe falar de falo, de eu, de grande outro etc. Trata-se de saber como as outras modelizações respondem a esta problemática específica. Mas, ao mesmo tempo, há um quarto nível, que é o retorno do imaginário, o retorno da narrativa.

No ponto em que o inconsciente estava marcado pela dinâmica do recalçamento, pelo escalonamento de níveis secretos, proponho algo que não se dirija ao passado e, sim, em direção à semiotização virtual; dizendo em outras palavras, ao futuro e ao pragmático. E a entidade, por exemplo, a fixação, o trauma, o fantasma, o sintoma estão em

contato direto e ativo com a repetição de um processo codificado no inconsciente, coberto como chave de criatividade pragmática.<sup>2</sup>

F.U.: Qual é a relação entre esta proposta estética e a esquizoanálise? Ou, se você prefere: qual o seu balanço do *Anti-Édipo*, vinte anos depois?

F.G.: A esquizoanálise, a ecosofia, a análise institucional – já que, lamentavelmente, fui eu quem introduziu essa expressão – estão marcadas pelas épocas. São, não me atrevera a dizer contrasenhadas, mas pontos de enlaçamento: justamente minifocos autopoiéticos conceituais. E, uma vez que estas máquinas são propulsionadas na atmosfera cultural, acontece o que acontece. Bem, a esquizoanálise, para mim, é um discurso conhecido no mundo *psi* de uma certa época, de uma certa geração. É a idéia de que se deve comportar-se com os neuróticos e as pessoas normais como com os psicóticos e vice-versa; que o mundo da psicose está implicado em entradas pragmáticas, entradas semióticas muito mais ricas e, finalmente, comprometido com uma responsabilidade ético-micropolítica muito maior. É evidente que esta história de esquizoanálise não quer fazer do psicótico um herói dos tempos modernos; acontece com o psicótico o mesmo que acontece com o artista, que se encontra em posição de problematizar dimensões do real, dimensões do universo, de modo essencial.

F.U.: Voltando à sua produção atual, me dá a impressão de que existem dois novos conceitos-chave: o de 'caosmose' – que implica uma série de enunciações ontológicas – e o de 'cartografia', mais ligado à práxis.

F.G.: Sim, está certo. Para mim, a cartografia está ligada à preocupação com a composição de novas práticas. O que me preocupa é o antagonismo entre a prática e a teoria. Há, para mim, uma prática que implica, de maneira imanente, a teoria. Há uma teoria que é produtora de práticas, produtora daquilo que chamo de 'focos existenciais'. Mas a cartografia não é uma palavra feliz; vemos que os sistêmicos a empregaram muito. Poderíamos falar de uma construção de um 'corpo sem órgãos', uma construção de um território existencial.

Quanto ao 'caosmose', creio que o termo 'caosmos' foi usado pela primeira vez por James Joyce e, depois, retomado por Deleuze; mas eu lhe acrescentei algo: o sufixo *ose*, porque quero conjugar as idéias de 'caos', 'cosmos' e 'osmose'. Quero dizer com isto que há uma relação osmótica, de imanência, entre a complexidade e o caos.

Temos, então, a problemática da enunciação individualizada, territorializada e, por outro lado, uma enunciação que se situa no plano do universo incorporeal, fora de toda coordenada extrínseca, energético-espacial-temporal. A questão que muito me preocupa, é a

seguinte: como a história se enuncia a partir de um indivíduo e, também, a partir de mutações de universos de valor.

F.U.: Você falou de uma nova suavidade. Daria para estabelecer alguma relação entre esta nova suavidade e o paradigma estético?

F.G.: Evidentemente que sim, porque no paradigma científico, das ciências humanas, sociais, jurídicas etc., há uma lógica da interação, do conflito, do dinamismo – a tensão, a resolução da tensão –, da entropia; como há conceitos como o de uma agressividade intrínseca ao *specimen*, com uma etologia reacionária.

Da perspectiva do novo paradigma estético, ou melhor, do novo paradigma ecosófico, existe esse mundo de relações de tensão, de antagonismos, da luta pela vida, do darwinismo. Mas há,

também, outro mundo, e é isto o que se deve dizer com respeito ao neoliberalismo: você tem este mundo, mas há outros possíveis! Não é a ciência, não é a essência das relações humanas que implica aquele tipo de lógica. Então, o problema da construção de um universo da suavidade se coloca em termos completamente diferentes: a suavidade não é uma sublimação em relação a uma agressividade que estaria sempre aí, latente; não provém da educação, não é um hábito, não provém da sublimação. A suavidade é um dado imediato da subjetividade coletiva. Ela pode consistir em amar o outro em sua diferença, em vez de tolerá-lo ou estabelecer códigos de leis para conviver com as diferenças de um modo tolerável. A nova suavidade é o acontecimento, o surgimento de algo que se produz e que não é eu, nem o outro mas, sim, o surgimento de um foco enunciativo.

## Notas

1. Entrevista realizada por Fernando Urribarri em novembro de 1991, na cidade de Buenos Aires, com a colaboração de Suely Rolnik, Paulo Cesar Lopes e Oswaldo Saidon na elaboração das perguntas. Originariamente publicada pela revista *Zona Erogena*, Buenos Aires, Argentina, 3(10), 1992. O texto foi traduzido por Arthur Hyppólito de Moura, revisado e reeditado por Suely Rolnik.
2. Esta última frase nos parece um tanto confusa. Como não dispomos do original em francês, optamos por mantê-la na tradução e por apresentar a versão da própria revista *Zona Erogena* (p. 38): “Y la entidad, por ejemplo, la fijación, el trauma, el síntoma están en un contacto directo y activo con la repetición de un proceso codificado en el inconsciente cuabierto como clave de creatividad pragmática”.